

SIMON SCARROW

# MORTE AO IMPERADOR

TRADUÇÃO DE JORGE COLAÇO



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina



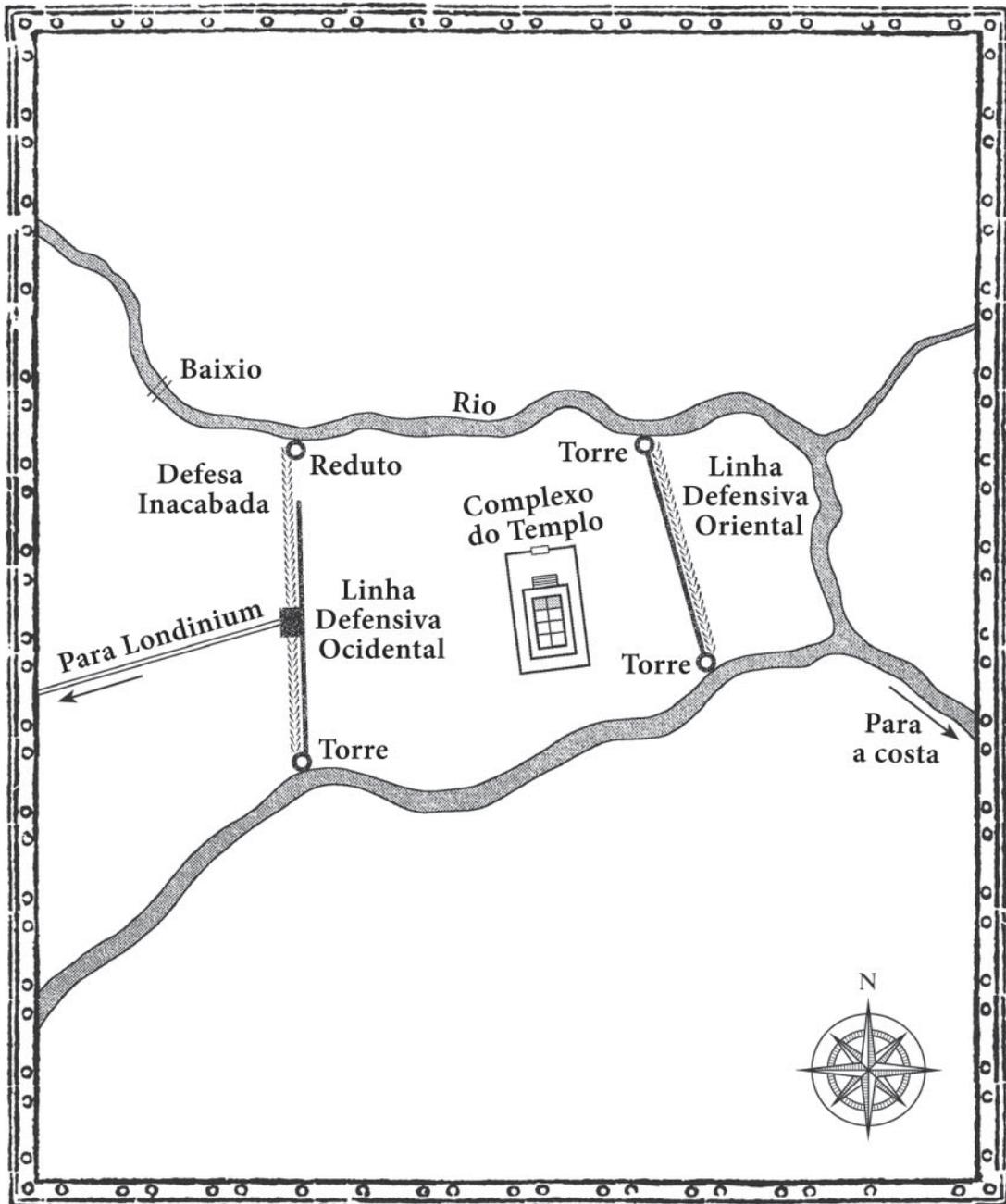
À memória de Glynne Jones, um cavalheiro em todos os sentidos.  
Após uma vida longa e cheia, a sua morte deixa um enorme vazio  
nas vidas dos que lhe eram mais próximos, bem com naqueles  
de nós que tinham o privilégio de o contar como amigo.

Adeus Nobre Jones, com o grande respeito  
e afeto de O Pajem.

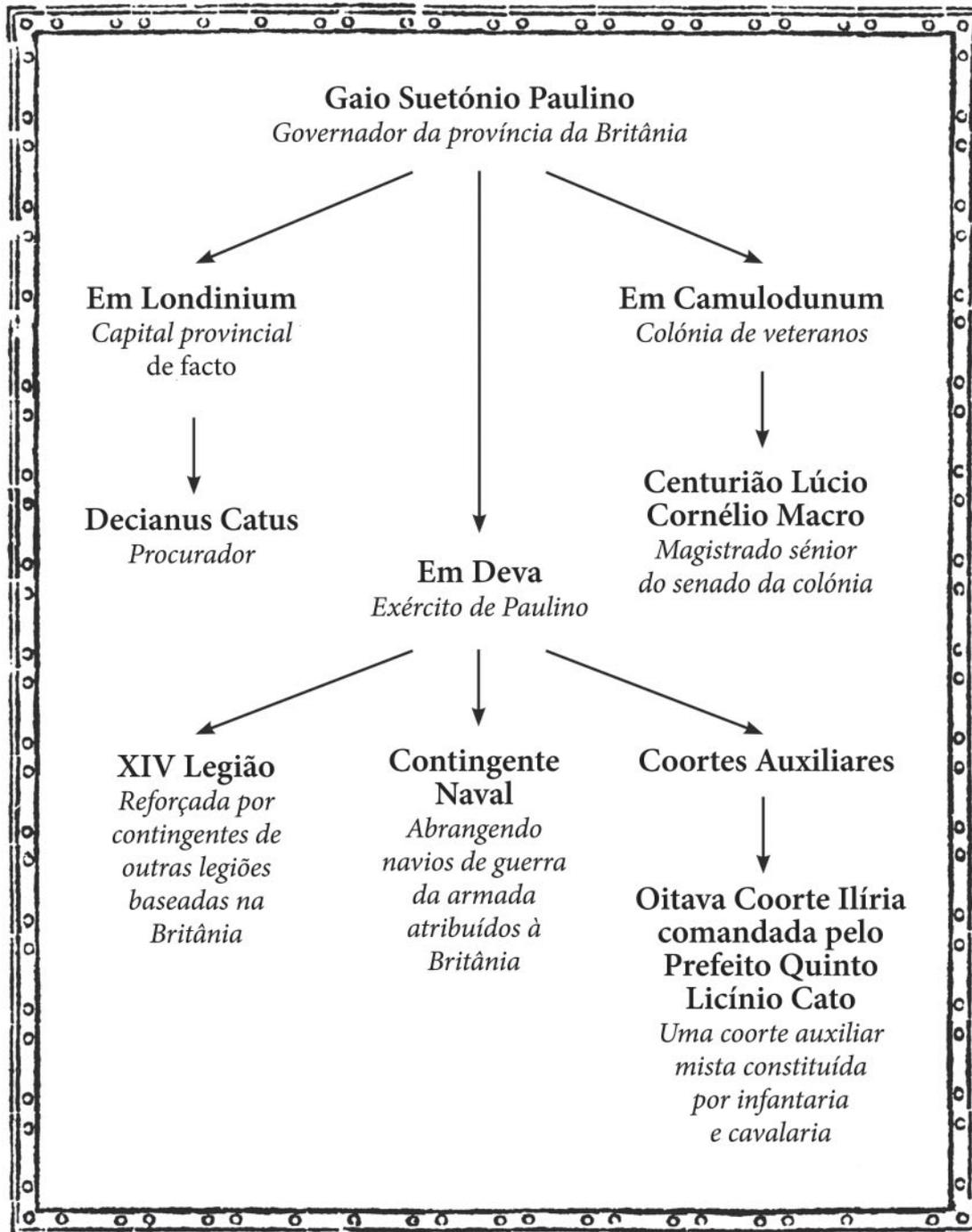
# BRITÂNIA 60 D.C.



# CAMULODUNUM 60 D.C.



# CADEIA DE COMANDO



## LISTA DE PERSONAGENS

- Centurião Macro:** Um herói de Roma  
**Prefeito Cato:** O melhor amigo de Macro; um soldado completo  
**Petronella:** Mulher de Macro  
**Lúcio:** Filho de Cato e da sua defunta esposa  
**Cláudia Acte:** Amante de Cato e antiga concubina do Imperador Nero, que pensa que ela morreu no exílio  
**Cássio:** Um rafeiro de aspeto feroz e com um apetite feroz  
**Parvus:** Um rapaz mudo  
**Apolónio:** Um liberto grego  
**Decianus Catus:** Procurador da Britânia  
**Suetónio:** Governador da Britânia  
**Pórcia:** Mãe de Macro  
**Gaius Hormanus:** Condutor de escravos  
**Boudica:** Rainha dos Icenos  
**Bardea:** Filha mais velha de Boudica  
**Merida:** Filha mais nova de Boudica  
**Syphodubnus:** Primo de Boudica  
**Bladocus:** Druida  
**Pernocatus:** Caçador trinovante  
**Attalus:** Oficial encarregue da guarda de Decianus  
**Fascus:** Soldado apeado  
**Thrasyllus:** Comandante da Décima Coorte Gálica

### Oitava Coorte

**Galerius**

**Minucius**

**Annius**

*Vellius*  
*Decius*  
*Flaccus*  
*Tubero*  
*Rubio*

**Em Camulodunum**

*Ulpus*  
*Vulpinus*  
*Flaminius*  
*Varius*  
*Tertilius*  
*Silvanus*  
*Caldonius*  
*Balbanus*  
*Adrastus*  
*Venutius*

## PRÓLOGO

*Britânia, novembro de 60 d.C.*

O rei morreu pouco antes do nascer do Sol. Do lado de fora da cabana real, circular, os seus vassalos estavam silenciosamente sentados em volta de uma grande fogueira. Noutra altura qualquer, teriam estado animados a beber e a falar alto, interrompidos por explosões de cantoria no meio da festança. Mas naquela última noite, tinham-se sentado com um humor sombrio, e as suas conversas murmuradas limitavam-se a breves considerações sobre o futuro do reino após Prasutagus ter deixado este mundo. Era sabido que ele modificara recentemente o seu testamento e nomeara o Imperador romano Nero como seu co-herdeiro, juntamente com a sua rainha. Esta notícia fora percebida por muitos elementos do seu povo como um ato de traição.

Mas que direito tinha Prasutagus de doar metade do reino dos Icenos a um déspota que vivia numa cidade muito distante, do outro lado do mar? Ainda por cima, Nero era o governante de um império cujas legiões tinham liquidado, poucos anos antes, um levantamento de pouca monta e matado muitos dos guerreiros da tribo, quando Scapula fora governador. Os soldados romanos haviam saqueado aldeias e abusado das mulheres. Veteranos romanos, baseados na colónia criada em Camulodunum, tinham-se apoderado das terras dos agricultores e das propriedades dos nobres que confinavam com o território reivindicado pela colónia. Tudo isto foi causa de grande vergonha para o povo orgulhoso dos Icenos. Agora, faziam o que podiam para aliviar o fardo da humilhação ao recusar-se a comerciar com os mercadores romanos e a repelir qualquer contacto com os invasores para o mais longe possível.

Por muito que os conselheiros do rei tivessem compartilhado dos sentimentos do povo no que ao testamento dizia respeito, haviam acabado por aceitar, tal como Prasutagus fizera, que era necessário um qualquer entendimento com Roma se a tribo queria ter qualquer controlo sobre o seu destino. A questão crítica era o tratado que se seguira à invasão, havia dezassete anos.

Em troca de aceitar a proteção romana e o reconhecimento da sua governação da tribo, o rei concordara que Roma teria o direito a coroar o seu sucessor. Nesse tempo, tinham-lhe garantido que era uma mera formalidade, mas ele e os seus conselheiros acabaram por aprender que o estatuto de “rei-cliente”, como os Romanos se lhe referiam, era pouco mais do que o prenúncio da anexação do reino, após o que Roma governaria diretamente.

O rei e o seu conselho tinham esperado que a nomeação de Nero como seu co-herdeiro aplacasse o apetite de Roma e, ao mesmo tempo, fosse tomada como um símbolo da lealdade icena ao Império. Alguns tinham alertado para o facto de isto constituir uma falsa esperança, e apontaram o exemplo de outras tribos que tinham acabado por se arrepender de se entenderem com Roma. A questão tornara-se ainda mais preocupante pela notificação que Prasutagus recebera do governador em Londinium de que o dinheiro oferecido ao rei na altura em que o acordo fora feito não era realmente uma dádiva, mas sim um empréstimo. Roma tencionava reavê-lo, com juros, assim que Prasutagus morresse. Muito do dinheiro fora utilizado para comprar cereais para alimentar o povo, depois das colheitas fracassadas dos últimos dois anos, e pouco sobrara para pagar aos agiotas de Roma.

O conhecimento de tudo isto pesava nas mentes de todos os que estavam reunidos em redor do ataúde, no salão real em que o corpo do rei jazia. Ele estivera demasiado fraco para se levantar do leito nos últimos dez dias, e a sua mulher e rainha, Boudica, mal deixara a sua cabeceira enquanto cuidava dele o melhor que podia. Tinha sido um período penoso. No apogeu, Prasutagus fora um guerreiro alto e poderosamente constituído, como nunca houvera na tribo dos Icenos. O seu cabelo escorrido cor de palha emoldurara um rosto bem-humorado, e os seus azul-claros tinham cintilado, sublinhando a sensação de que ali estava um homem que apreciava a vida e que facilmente comunicava esse sentimento àqueles que tinham a fortuna de partilhar da sua companhia. Fora amado pela maior parte do seu povo, e aqueles que poderiam não o ter amado, respeitavam-no. A doença do último ano tinha-o devorado, pelo que agora estava quase irreconhecível, mesmo aos olhos daqueles que o conheciam melhor. Pouco mais do que pele e osso, com fundas olheiras e manchas na pele, de feições frequentemente contorcidas pelas dores que atormentavam o seu corpo em falência.

Boudica tinha esgotado todas as tentativas de o curar, e os druidas da tribo haviam-se revelado impotentes. Pondo de parte a sua aversão, ela até pagara a um médico romano de Londinium para ir à capital dos Icenos. Também ele fracassara. No fim, a única coisa que ela podia fazer era tentar

confortar o marido moribundo e fazer oferendas aos deuses para garantir que ele era bem acolhido na outra vida.

Sentada, passara a noite a ouvir a sua respiração ofegante tornar-se cada vez mais árdua, até não ser mais do que um débil arquejar sibilado. Eventualmente, tinha parado. Esperou um momento antes de encostar o ouvido ao seu peito esquelético, mas não havia qualquer batimento do coração. Com um suspiro, levantou a cabeça e beijou-lhe ternamente a mão flácida antes de lha colocar sobre o peito e se virar para encarar as suas filhas, outros familiares, nobres e membros do conselho real.

Endireitando-se, anunciou:

— O rei Prasutagus morreu.

Ninguém se mexeu ou falou. Então, a sua filha mais nova, Merida, fechou os olhos, cobriu a cara com as mãos e começou a soluçar. A mais velha, com mais dois anos do que a irmã, herdara as feições fortes do pai e, aos dezasseis anos, era já noiva de um nobre, senhor de uma propriedade costeira. Aproximou-se da sua mãe e abraçou-a.

— Oh, minha doce Bardea — sussurrou-lhe a mãe ao ouvido. — O que vai ser de nós agora? O que vai ser do reino dos Icenos?

— Os Icenos resistirão, mãe. Sempre o fizemos.

Boudica aumentou a pressão do abraço, comovida pela simples expressão de convicção da sua filha.

— Sim, claro. — Se ao menos ela compreendesse, pensou. *A nossa tribo está à beira do esquecimento. O nosso destino já não nos cabe apenas a nós decidir. O nosso futuro será estabelecido muito longe, em Roma.* O reino dos Icenos haveria de continuar ou de cair segundo o capricho do menino-imperador Nero.

Soltou a filha e manteve-a à distância de um braço, olhando aprovativamente para o delinear firme dos maxilares e a tensa resolução de não ceder à dor. As lágrimas viriam depois, em privado, como aconteceria com as suas próprias. Apontou para Merida e falou baixinho.

— Cuida da tua irmã. Ela foi sempre a preferida do pai dela, como tu foste a minha. Leva-a para a tua cabana e conforta-a.

— Sim, mãe.

— Eu irei ter convosco assim que tenha tratado com o conselho real.

Trocaram um breve olhar e Bardea assentiu. Vários dias antes, tinham discutido este momento e o que se deveria seguir, quando o rei fora levado para o seu leito de morte.

Boudica ficou a ver as suas filhas abandonarem o salão, de coração

apertado pela preocupação com o que o futuro lhes poderia trazer. Já nada era certo. Todas as tradições da tribo, que remontavam a gerações incontáveis, poderiam ser varridas nos dias que se seguiriam, se Roma agisse com desprezo e indiferença pelo povo iceno. O que seria de Bardea e Merida num mundo que já não tinha lugar para princesas? Quem as protegeria quando a casa real tivesse sido eliminada?

Quando elas desapareceram pela entrada do salão, Boudica assentiu para o comandante da guarda real, e este ordenou em voz baixa aos dois guerreiros de serviço que fechassem as portas. O ruído surdo da madeira fez com que alguns olhassem por cima do ombro antes de fixarem a atenção na sua rainha. Ela era solidamente constituída, com ancas e ombros largos, e a sua altura dava-lhe uma presença física que correspondia à sua personalidade dominadora. Embora na meia-idade, com um rosto ligeiramente enrugado, o seu olhar era astuto e penetrante. Os longos cabelos ruivos atados atrás com uma simples fita de couro faziam com que se destacasse das outras mulheres da corte.

Uma inteligência acutilante combinada com os conhecimentos que adquirira na infância, graças ao tutor que o seu nobre pai trouxera da Gália, significava que Boudica era uma das poucas pessoas do seu povo que sabia falar e escrever latim. Como tal, ela fora o braço-direito de Prasutagus ao longo de todo o seu reinado, e quando a saúde dele começara a falhar, ela assumira a sua autoridade para garantir que os Icenos eram governados de forma sábia e, na maior parte das vezes, justa.

Conquistara a confiança do povo e a maioria da corte real, mas agora que o rei estava morto, haveria alguns que aspiravam a tomar o seu lugar. Boudica sabia quem eles eram e a razão pela qual o poder não deveria ser confiado a grande parte deles, particularmente num momento tão delicado. Um nobre obstinado que afirmasse ousadamente as ambições dos Icenos poderia enfurecer Roma e fazer abater a sua ira sobre a tribo. A facilidade com que os soldados romanos tinham eliminado a sublevação uns anos antes fora uma lição salutar para os Icenos. A derrota tornara-se ainda mais humilhante pela insistência de Roma para que os guerreiros da tribo entregassem as suas armas. As únicas permitidas deveriam ser usadas para caçar, e as armaduras e espadas, passadas de pai para filho e tratadas com reverência, tinham sido entregues aos romanos. Nem todas, é claro. Muitas foram escondidas, enterradas por baixo das cabanas ou ocultadas no meio de cursos de água traiçoeiros e de pântanos onde os romanos detestavam entrar. Havia o sentimento na tribo de que o dia viria em que as espadas

dos guerreiros icenos seriam de novo empunhadas. Esse dia não era agora, resolveu Boudica.

Estudou os rostos dos nobres, guerreiros e membros do conselho do rei, notando a mescla de respeito, cálculo e expectativa nas suas expressões. Depois, voltou de novo o olhar para o corpo do seu marido, o homem que ela cedo começara a amar após o casamento arranjado. Sentia já uma viva e dolorosa saudade dele, e sorriu com tristeza ao recordar-se do seu riso exuberante e do afeto que estivera sempre presente na vida privada de ambos, longe dos seus papéis de governantes dos Icenos. Fechou os olhos e respirou fundo, afastando os pensamentos sobre o passado e obrigando a sua mente a focar-se, quando se voltou para os outros no salão.

— Perdemos o nosso rei. A questão que temos pela frente é decidir quem lhe deve suceder. Embora eu seja a sua rainha, é nosso costume que o conselho do rei e os nobres tenham o direito supremo de escolher o nosso próximo soberano. Direi agora, perante todos os que aqui estão reunidos, que seria uma honra para mim governar no lugar de Prasutagus. Sabem o que eu valho. Provei-o neste último ano quando o nosso amado rei foi atingido pela doença que acabou por levá-lo. Era também o seu desejo expresso que eu herdasse o reino.

— Juntamente com o imperador romano — interrompeu uma voz.

O seu olhar rodou para um nobre robusto à direita dos que estavam reunidos à sua frente. Usava um torque de ouro em volta do pescoço, concebido de forma a parecer uma serpente de duas cabeças. A largura do seu peito e ombros compensava a sua falta de estatura, e uma faixa de cabelo claro orlava-lhe a cabeça calva. Um bigode entrançado caía-lhe de ambos os lados dos lábios finos, que agora se elevavam ligeiramente num esgar escarninho.

— Meu primo Syphodubnus, sabes qual a razão de Nero ser nomeado. Estavas no conselho quando o testamento foi aprovado.

— Eu não aprovei, se bem te lembras. E não fui o único. — Syphodubnus olhou em redor para os outros nobres, e vários assentiram e murmuram o seu apoio.

— Apesar disso — continuou Boudica —, o rei pediu ao conselho para votar sobre a matéria, e o resultado foi claro e nós estamos vinculados a essa decisão.

— Quem diz que é assim? Não foi feito nenhum juramento perante um druida. Eu digo que não estamos obrigados a cumprir os termos do testamento. Prasutagus já não existe. Talvez o seu sucessor opte por renunciar ao

acordo. Talvez o novo rei tenha a coragem de enfrentar Roma e resgatar a honra dos Icenos.

Boudica sentiu as entranhas revolverem-se de raiva e repugnância. O corpo do seu marido ainda se encontrava quente e, todavia, este seu rival de há muito já estava a insinuar que Prasutagus tinha sido um covarde e traíra o seu povo. Cerrando os maxilares para se impedir de exprimir a sua indignação por aquela falta de respeito, permaneceu imóvel, distante e silenciosa, olhando fixamente para Syphodubnus por alguns segundos antes de responder.

— É evidente que te consideras digno de tomar o lugar do meu marido. É isso?

Syphodubnus sorriu e depois assumiu uma expressão mais arrogante.

— Se a escolha do nosso povo fosse que eu devo governar, então essa seria uma decisão que eu honraria com a minha vida. Se devesse tornar-me rei, seria meu dever sob juramento restaurar o prestígio dos Icenos e conservar o reino a salvo das garras de Roma.

Diversos homens manifestaram o seu apoio a esta ambição, e num rápido relance Boudica identificou-os como sendo comparsas dele, nobres e guerreiros destacados que o tinham seguido na fracassada sublevação de uns quantos anos antes. Tinham feito grande alarde do que chamavam a sua luta heroica com Roma. Na verdade, fora um conflito condenado desde o início. Tinham sido muito poucos os que se congregaram sob o estandarte de Syphodubnus quando ele apelara ao seu povo. Em vez de esperarem por pôr o assunto à consideração de Prasutagus e da sua corte, e deixar os Icenos decidirem como um todo, o nobre e a sua facção haviam marchado contra o invasor. Fora uma jogada imprudente.

Boudica ergueu uma mão para ordenar silêncio, e apenas a baixou quando o último dos seguidores de Syphodubnus se calou.

— Falas do prestígio dos Icenos, no entanto foste tu que trouxeste vergonha ao teu povo pela facilidade com que foste derrotado. Nem sequer foste vencido pelas legiões romanas. A única coisa que foi preciso para esmagar a tua força foi um punhado de coortes auxiliares apoiadas por recrutas de outras tribos da Britânia. Soldados de segunda, na melhor das hipóteses — acrescentou ela, zombeteiramente.

— Pelo menos combatemos — ripostou Syphodubnus. — Combatemos e conquistámos honra para o nosso povo.

— Honra? — Boudica soltou uma risada amarga. — O que conseguiste fazer? Invadiste umas quantas quintas, queimaste umas quantas *villas* e massacriste umas quantas patrulhas. Depois, no momento em que os romanos

juntaram exércitos suficientes para contrariar a ameaça, refugiaste-te na segurança de um forte nos pântanos. Quanto tempo tu e os teus bravos guerreiros resistiram? Recorda-nos lá isso a todos...

Syphodubnus olhou-a fixamente enquanto a cor lhe desertava do rosto.

— Não tens nada a dizer? — instou Boudica. — Então deixa-me dizê-lo por ti. Duraste precisamente dois dias, enquanto o comandante romano esperava que respondesses à sua oferta de uma rendição. E depois, quando não o fizeste, ele mandou os seus homens avançar e tudo acabou num instante. Tu e os teus guerreiros depuseram as armas no momento em que o portão foi arrombado. Foi uma sorte que tão poucos tivessem sido mortos e que o governador romano escolhesse ser brando, mas isso ainda nos custou a maior parte das nossas armas e armaduras, bem como uma compensação pelos estragos causados em tudo o que era propriedade romana e o alistamento de duzentos dos nossos melhores jovens nas unidades auxiliares romanas. Para nosso ainda maior prejuízo, os romanos agora têm uma linha de postos avançados a guardar a nossa fronteira. — Fez uma pausa para deixar que as suas palavras fossem interiorizadas. — E tens a ousadia de chamar a isto conquistar honra para o nosso povo. Bah!

— Se a tribo nos tivesse seguido, teríamos triunfado — retorquiu Syphodubnus. — Se Prasutagus tivesse reunido os guerreiros icenos, teríamos esmagado os auxiliares romanos.

— Mas tu nunca lhe deste qualquer hipótese — replicou ela. — Tudo acabou antes de haver tempo para o rei convocar o conselho tribal. De qualquer modo, mesmo que tivéssemos vencido os auxiliares, teríamos então de enfrentar as legiões. — Olhou para alguns dos homens mais velhos que se erguiam à sua frente. — Apenas uns quantos de nós viram as legiões em ação. Aqueles que viram, sabem que seria imprudente para os icenos travar uma guerra com elas. As legiões esmagar-nos-iam, tal como esmagaram todas as tribos que as enfrentaram no campo de batalha. Mesmo o grande senhor da guerra Carátaco não as conseguiu derrotar, e foi perseguido, capturado e levado para Roma acorrentado. Tu, Syphodubnus, não tens idade suficiente para ter visto isso.

— Talvez a idade torne cobardes aqueles que temem Roma — disse ele, com desdém. — Talvez seja tempo de homens mais novos empunharem as espadas dos Icenos. Se eu for escolhido para suceder a Prasutagus, juro que darei a Roma alguma coisa de que ter medo. Inspiraremos as outras tribos a revoltar-se e a expulsar o invasor. E quando isso estiver feito, seremos a tribo mais poderosa do território.

— Palavras ousadas de quem vacilou ao dar o primeiro passo — troçou Boudica. — Achas que o meu marido não nutriu os mesmos sonhos que tu? Porém, ele teve o bom senso de saber o que poderia ser alcançado e o que era impossível. Sim, poderá chegar o dia em que as outras tribos se cansem de viver sob o jugo romano e se ergam contra o invasor, mas esse dia está ainda distante. Até lá, temos de ocultar a nossa raiva; temos de conservar as nossas espadas afiadas, mas escondidas. Temos de fazer com que Roma pense que os Icenos são suficientemente leais para poderem, com segurança, ser deixados a governar em paz os seus próprios assuntos e pagar o tributo devido. Se nos rebelarmos antes de estarmos preparados, antes de as outras tribos encontrarem uma causa comum, estamos condenados à derrota, e da próxima vez Roma não vai ser tão branda. Chacinarão os nossos guerreiros, queimarão as nossas quintas e apoderar-se-ão do nosso tesouro, e aqueles que sobreviverem serão vendidos como escravos. Com o tempo, o próprio nome da nossa tribo cairá no esquecimento e ninguém se recordará de que alguma vez tenhamos existido... É isso que vocês desejam? — Boudica abriu os braços ao apelar para os homens à sua frente, depois fixou a sua atenção em Syphodubnus. — É isso que tu queres? Desejas conduzir os nossos bravos jovens guerreiros à morte e à destruição?

Ela viu a primeira sombra de dúvida na sua expressão, e depois, com a mesma rapidez, o regresso da atitude desafiadora e arrogante, e apercebeu-se de que não conseguira persuadi-lo. Ele era ainda demasiadamente jovem para ter a quantidade de experiência que permitia a sabedoria. Muito bem, decidiu ela. Tinha de ser impedido de se tornar o sucessor de Prasutagus.

— O testamento do meu marido é claro e foi confirmado pelo conselho tribal. Eu sou a vossa rainha. A vossa lealdade é minha por direito próprio.

— Mas és uma mulher — protestou Syphodubnus. — Uma tribo como a dos Icenos deveria ser governada por um guerreiro.

— E quem diz que uma mulher não pode ser um guerreiro? Lutei ao lado do meu marido. Empunhei espada e lança e fiz correr o sangue dos meus inimigos. Derramei o meu próprio sangue em combate. Podes tu dizer o mesmo, jovem? És um guerreiro imaculado, graças à tua rápida rendição.

Syphodubnus fez uma careta e rosnou audivelmente enquanto ela prosseguia.

— Dei provas no ardor da batalha. E assim os Icenos são governados por um guerreiro, tal como dizes que deveriam ser.

— Veremos. É meu direito submeter a questão ao conselho e deixá-lo debater se o testamento é legítimo ou não.

— E és livre de o fazer quando o conselho voltar a reunir.

— Mas isso é daqui a meses. Porquê esperar? Poderíamos decidir aqui e agora. O conselho está reunido. Não há necessidade de adiar.

— O conselho está aqui para testemunhar o falecimento do nosso rei, para honrar a sua memória e prestar homenagem a um guerreiro cujo renome nunca conseguirás igualar, Syphodubnus. Iremos chorá-lo e enterrá-lo, e depois eu governarei os Icenos até chegar o momento de o conselho decidir que um outro deva tomar o meu lugar. E isso não podem eles fazer até à reunião de inverno, de acordo com o nosso costume. Não é assim, meus senhores?

Ela olhou diretamente para um dos mais antigos e mais respeitados conselheiros de Prasutagus, o druida Bladocus, que assentiu e encheu os pulmões de ar antes de falar com clareza.

— É verdade. Até lá, juro por todos os deuses que serei leal a Boudica. Esse é o meu juramento.

— E o meu! — gritou um outro homem. Mais repetiram o mesmo, abafando as poucas vozes que se elevaram em protesto.

Syphodubnus viu que estava em inferioridade, e as suas feições juvenis enrugaram-se de azedume. Quando os gritos esmoreceram, Boudica virou-se para ele.

— Os Icenos falaram. Não tens outra alternativa senão aceitar.

— Por agora.

— Mas aceitas? — pressionou-o Boudica.

— Sim — sibilou ele.

— Então, di-lo. Faz o teu juramento de lealdade à tua rainha.

Syphodubnus cruzou os braços e pareceu pesaroso por um momento e depois anunciou em tom neutro:

— Juro por todos os deuses ser leal à rainha.

— Então, está feito — concluiu Boudica. — Agora temos de dizer ao povo que Prasutagus já não existe e que eu governarei em seu lugar.

Fez sinal aos dois guerreiros que guardavam a entrada para o salão, e eles abriram as portas e tomaram posição, um de cada lado, enquanto os membros do conselho real e os nobres se voltavam e se dirigiam para o grande espaço aberto limitado por uma paliçada. A multidão que se juntara em redor das fogueiras ao ar livre pôs-se de pé, expectante. O primeiro alvor da madrugada elevava-se do horizonte a leste quando começou a chover ligeiramente, cobrindo de pingos as capas, as túnicas e os cabelos da gente da tribo.

Boudica foi a última a partir. Baixou os olhos para o seu marido uma última vez e sussurrou:

— Meu amor... receio que vás para uma paz que eu não vou conhecer enquanto viver.

Depois, cobriu com a capa de tecido o rosto dele e virou-se para a porta. Apesar do significado do momento, ela já estava a olhar para diante. Ao mesmo tempo que ela tinha frustrado as ambições de Syphodubnus, não havia quaisquer dúvidas de que ele conspiraria contra ela nos meses que se seguiriam, apesar do seu juramento. Ele era um homem demasiado perigoso para que o destino dos Icenos lhe fosse confiado. Porém, era suficientemente astuto para jogar com o desejo da tribo de restaurar a idade de ouro descrita nas canções e nas lendas. Boudica sabia que o seu povo, como a maior parte dos Celtas, preferia chafurdar no sentimentalismo em vez de lidar com as verdades difíceis e desagradáveis. *Não te iludas*, pensou ela, *Syphodubnus é o inimigo entre nós*. Teria de ser vigiado de perto.

Depois, havia a questão do inimigo exterior. Apesar do tratado entre os Icenos e Roma, houvera sempre tensão, e ela pressentia que isso estava a chegar ao limite. O destino dela, o destino da sua família e o destino dos Icenos dependiam da forma como Roma reagisse à notícia da morte de Prasutagus. Ela não conseguia sacudir o mau presságio que tinha acerca do futuro. Na melhor das hipóteses, os Romanos utilizariam a situação para aumentar a sua influência sobre os Icenos. Na pior, resolveriam anexar a tribo e confiná-la a uma região da nova província que tinham estabelecido na ilha.

Quando ela saiu do salão e subiu para o interior da carruagem do marido, Bladocus gritou para a massa humana:

— O rei morreu! Eis Boudica, rainha dos Icenos! Possam os deuses conservá-la e trazer-lhe prosperidade na paz, e vitória e despojos na guerra!

Guerra... *Possam os deuses poupar-nos a isso*, rezou Boudica silenciosamente, de todo o coração. Olhou para a distância, enquanto a multidão bradava repetidamente o seu nome e os chuviscos davam lugar a uma chuva trazida pelo vento gelado que se tinha levantado com o nascer do dia.

# 1

## *Camulodunum*

— **M**antém a maldita ponta para cima! — rosnou o centurião Macro ao deter mais um golpe fraco do seu oponente, dando-lhe uma palmada forte no ombro como repreensão pelo insuficiente esforço do jovem. — Como é possível tornares-te um legionário se lutas desta maneira? Merda, já vi gatinhos recém-nascidos com um ar mais ameaçador! Tenta novamente. Desta vez, ataca-me mesmo a sério.

Deu um passo atrás e acorrou-se, instintivamente equilibrando o peso de modo a ficar em posição de saltar num instante para a frente ou para o lado, resultado de mais de trinta anos de vida militar. Levantando a sua espada de treino, de madeira, descreveu pequenos círculos com a ponta arredondada.

— Agora, Lúcio — instruiu ele. — Desta vez, faz isso como deve ser.

À sua frente, um rapaz esguio, com uns oito anos de idade, uma cabeleira de caracóis rebeldes, cerrou os dentes e adotou uma posição semelhante, preparando-se para atacar. Semicerrou os seus olhos negros ao fixar o olhar em Macro. Erguiam-se sobre a gravilha de um lado do pequeno lago de azulejos no pátio da casa de Macro. Duas mulheres e um outro homem observavam-nos, sentados nas cadeiras dispostas em volta de uma mesa de madeira ao fundo do jardim. Aos pés do homem, estava enrolado um cão enorme de pelo crespo, com a cabeça comprida esticada entre as patas dianteiras. Eram aquecidos pelos madeiros que ardiam num recipiente de estrutura férrea colocado diante deles, e ainda assim precisavam de capas. Como a maior parte dos romanos que tinha vindo instalar-se na nova província da Britânia, não estavam habituados ao frio húmido dos invernos da ilha. Macro e Lúcio, pelo contrário, envergavam apenas simples túnicas, e estavam a suar enquanto se exercitavam no pátio.

— Dá-lhe, Lúcio! — gritou uma das mulheres alegremente. Era uma mulher solidamente constituída, com um rosto redondo e bondoso, olhos castanhos e cabelo escuro.

Macro dirigiu-lhe um olhar carregado.

— Obrigado pelo leal apoio, esposa.

Petronella riu-se e sacudiu uma mão com desdém.

Ele estava prestes a responder quando o rapaz soltou um grito estridente e carregou sobre ele, dirigindo a estocada ao centro do seu corpo. O centurião deteve o golpe facilmente e respondeu, apontando ao peito do rapaz. Impulsionada para trás, a espada de madeira mais pequena embateu contra a arma de Macro quando Lúcio se precipitou para desferir um ataque ao estômago do seu oponente. Apesar da sua estrutura mais sólida, Macro movimentou-se com fluidez para sair do caminho e a ponta da espada do rapaz trespassou o ar a seu lado. Estava prestes a dar uma nova palmada no ombro do jovem quando Lúcio lhe pisou com o calcanhar os dedos a descoberto do seu pé mais avançado.

— Ah! — gritou o centurião com tanto de surpresa como de dor, e recuou um passo a coxear. — Ora, cabrãozinho safado...

— Atenção à linguagem! — gritou-lhe a sua mulher.

Antes que Macro pudesse responder, Lúcio tinha velozmente dado um passo para trás e saltado ao peito do centurião. A ponta assentou-lhe diretamente abaixo da caixa torácica, uma pancada que apenas lhe feriu o orgulho durante um instante, antes de arreganhar os dentes num sorriso e baixar a espada.

— É isso mesmo! Bom trabalho, Lúcio!

A expressão feroz do jovem desanuviou-se, transformando-se numa expressão de orgulhoso deleite ao voltar-se para o homem de barbas sentado à mesa. Na casa do trinta, este último era um homem mais esbelto e tinha os mesmos caracóis negros que o seu filho. O seu rosto exibia uma viva cicatriz em diagonal desde o sobrolho à face, mas isso não lhe desfigurava a beleza delicada. Devolveu o sorriso e depois abriu a boca numa tentativa de aviso, mas era demasiado tarde. Macro bateu no pulso de Lúcio com a parte plana da espada de treino, apenas com a força suficiente para fazer o rapaz largar a sua própria arma.

Este gemeu e olhou para o centurião com um ar carrancudo.

— Nunca vires as costas ao teu oponente enquanto ele continuar de pé — advertiu-o Macro. — Quantas vezes já te disse isto, hein?

A sua voz tinha um tom sério, e Lúcio baixou a cabeça enquanto esfregava o pulso e murmurava:

— Isto doeu.

— Não é nada, comparado com a dor que sentirás quando te espetarem uma espada nas costas, se alguma vez fizeres isso numa batalha a sério.

Lúcio comprimiu os lábios e o queixo tremeu-lhe com o orgulho ferido. Macro viu que ele estava à beira das lágrimas e não quis deixar o rapaz embaraçado. Passou-lhe a mão pelo cabelo e falou baixinho:

— Não faz mal, rapaz. Não há vergonha em cometer erros quando só estás a aprender a usar uma espada. Eu fiz o mesmo quando comecei. — Olhou para a mesa e sorriu. — O teu pai era um dos recrutas mais incorrigíveis que alguma vez se juntou à Segunda Legião. Era um perigo maior para si próprio e para os seus camaradas do que para o guerreiro germânico mais feroz que jamais tenha visto a luz do dia. Não é verdade, Cato?

Cato fez uma careta.

— Se assim o diz, meu amigo.

— E olha no que ele se transformou — continuou Macro ao mesmo tempo que punha uma mão sobre o ombro de Lúcio. — Subiu nas fileiras de *optio* a prefeito, e pelo caminho serviu como tribuno da Guarda Pretoriana e juntou mais prémios por bravura do que a maior parte dos soldados juntam durante a vida inteira. Um dos melhores oficiais do exército, sem qualquer dúvida. Por isso, continua a praticar, jovem Lúcio, e um dia poderás conseguir tanto como o teu pai conseguiu, hein?

A mulher de cabelo claro ao lado de Cato olhou-o calorosamente, depois aproximou-se e plantou-lhe um beijo suave na sua face marcada.

— Meu herói.

— Para com isso, Cláudia. — Cato retraiu-se, franzindo os sobrolhos. Não estava na sua natureza aceitar facilmente elogios. — Limita-te a fazer o melhor possível, filho. Ninguém te pode pedir mais do que isso.

O rapaz foi até à mesa e agachou-se ao lado do cão para o afagar. O animal abanou a cauda alegremente, depois subitamente ergueu a cabeça e lambeu-lhe a cara.

— Oh, *Cássio*! Para. — O rapaz riu-se, levantando-se e sentando-se num dos bancos vazios, e os seus pés mal chegavam ao chão. Ergueu os olhos para Cato.

— Se és um bom soldado, pai, então o que fazes aqui em Camulodunum? Certamente que deverias estar na fronteira a lutar contra os bárbaros e os druidas pelo Imperador.

Houve uma troca de olhares entre os adultos. A verdade era que Cláudia fora amante de Nero antes ser enviada para o exílio na Sardenha. Desde então, deixara a ilha para estar com Cato e ambos se tinham visto forçados a ir para o canto mais afastado do Império para a manter a salvo. A colónia de veteranos de Camulodunum era um tranquilo refúgio, onde havia poucas

hipóteses de ela ser reconhecida e denunciada. Ainda assim, não poderia arriscar-se a deixar que Lúcio revelasse involuntariamente a verdadeira razão da sua presença ali.

— O teu pai está a repousar entre campanhas — disse Petronella. — Precisa de estar preparado para quando o Imperador precisar dele da próxima vez. Além disso, ele quer passar mais tempo contigo. Gostas disto aqui, não gostas, Lúcio?

O rapaz pensou por um momento. Havia outras crianças da sua idade na colónia com quem brincar, e no verão havia pescarias no rio e caçadas nos bosques que rodeavam a quinta de Macro, a um dia de viagem. Assentiu.

— Suponho que sim. Mas está a ficar frio outra vez.

Macro suspirou.

— *Aye*, é verdade. Os deuses fizeram o maldito inverno desta província para nos pôr à prova. Frio, húmido e pegajoso. As estradas ficam um lamaçal grosso que nos suga as botas, e ficamos presos a comer carne salgada e os vegetais que conseguimos armazenar.

— Continua — disse Petronella, com suave malícia. — Estás a fazer um bom trabalho a animar o rapaz.

Cato pegou na sua taça de vinho aquecido e bebeu um gole.

— Ah, vamos lá, Macro. Não é assim tão mau. Tem-se safado bem.

Fez um gesto em direção à casa que envolvia o pátio. Ela fora um dia a residência do legado, enquanto uma fortaleza legionária estivera em construção. A obra tinha sido abandonada quando, em vez dela, fora decidido estabelecer a colónia no local. Havia ainda muitos antigos edifícios militares no aldeamento, embora uma grande parte da muralha tivesse sido demolida e o fosso defensivo atulhado. Entre os edifícios existentes havia muitas novas construções, incluindo um fórum, um teatro, uma arena e um complexo com um templo imponente dedicado ao culto imperial.

— Tem o melhor sítio da colónia, Macro. Tem também uma quinta lucrativa no campo e é o magistrado sénior do senado da colónia. Para cúmulo, possui a maior de todas as fortunas por ter a Petronella como esposa. — Cato ergueu a taça para ela e inclinou cortesmente a cabeça. — Diria que está bem estabelecido. Um belo final para a sua carreira militar, meu amigo. Mereceu-o. Pode viver a sua reforma em paz e com conforto.

Petronella sorriu, depois pegou no braço musculoso do marido e abraçou-o.

— Suponho que sim — disse Macro. — Embora, em certos dias, não consiga deixar de sentir a falta da outra vida.

— Inevitavelmente. Mas não poderia servir no exército para sempre.

— Eu sei — disse Macro, com tristeza.

Houve uma pausa e depois Cláudia aclarou a garganta.

— Isto aqui é tranquilo, mas será sensato não tomar tudo isto por garantido.

Cato virou-se para o filho.

— Porque não vais ver se os teus amigos querem brincar?

O olhar do rapaz deslocou-se para as espadas de madeira usadas no treino que estavam em cima da mesa.

— Posso levá-las comigo?

— Desde que tenhas cuidado — disse Cato. — Não quero ouvir falar em ossos partidos ou narizes a sangrar. Entendido? E leva o Parvus contigo.

Antes de Cato poder mudar de ideias, Lúcio arrebatou as espadas e correu para a cozinha, nas traseiras da casa. Emergiu pouco depois com um rapaz esguio poucos anos mais velho do que ele próprio. Parvus era um mudo que Macro e Petronella tinham salvado dos cais de Londinium no ano anterior e adotado como membro da família. Os quatro adultos ficaram a olhar para os dois rapazes enquanto eles corriam através do pátio, desaparecendo no corredor que conduzia à parte da frente da casa. Macro riu-se baixinho.

— Ouso dizer que uns quantos miúdos vão voltar para casa com nódoas negras e arranhões antes de o dia acabar.

Cato assentiu e sorriu tenuemente antes de se virar para Cláudia.

— Não acho sensato discutir certas coisas em frente de Lúcio. Ele é um bom miúdo, mas as crianças têm tendência para repetir as coisas que ouvem.

— Eu sei. Peço desculpa. — Cruzou as mãos. — Mas sabes tão bem como eu que o futuro da província é incerto. Ouvi Nero dizê-lo muitas vezes, quando vivia no palácio. Ele odeia esta ilha. É um sorvedouro constante do erário público e ele preferiria gastar a sua prata nos espetáculos de entretenimento, em Roma, mantendo a multidão contente. Está a demorar muito mais tempo do que se esperava a submeter as tribos que não aceitaram o domínio romano. Todos os anos as legiões e coortes auxiliares precisam de novos recrutas para substituir as perdas que sofreram. — Encolheu os ombros e abanou a cabeça. — Sinceramente, não sei quanto mais tempo ele vai aguentar isso.

— Seria um idiota se abandonasse a Britânia — resmungou Macro. — Pagámos por esta província com o nosso sangue. Pelo menos, os nossos soldados pagaram. Se Nero põe tudo isso de lado, haverá muitos aqui, tanto nas fileiras como na colónia, que vão pensar que chegou a altura de termos um novo imperador. Além disso, a maior parte do trabalho já foi feito. As tribos

das planícies já não representam uma ameaça. Foram conquistadas ou desarmadas, e assinaram tratados com Roma. Os Brigantes, no Norte, estão sob o nosso controlo e os únicos que permanecem hostis encontram-se nas montanhas para ocidente. O novo governador deixou claro que vai tratar deles. Não é verdade, Cato?

O mais novo dos dois assentiu.

— Foi essa a notícia que o nosso amigo Apolónio nos transmitiu de Londinium. Suetónio está a concentrar homens em Deva para atacar as montanhas. Vai ser um osso duro de roer. Macro e eu participámos na tentativa anterior. Não acabou bem.

— Isso foi porque a campanha começou demasiado tarde no ano — interrompeu Macro. — Se fosse o clima, teríamos dado conta daqueles filhos da mãe das tribos das encostas. Também teríamos tomado Mona e posto fim aos druidas.

— Mas não foi assim — disse Cato. — E agora que eles penduraram no cinto uma vitória sobre Roma, vão ser ainda mais difíceis de submeter. Se alguém o pode fazer, é Suetónio. Tem experiência de guerra nas montanhas. Fez um bom trabalho na Mauritânia, há uns anos. Imagino que foi escolhido a dedo para esta missão.

— Ou arranjou maneira de ser o primeiro da fila. — Macro sorriu. — Uma última hipótese de aumentar a sua reputação. Sabes como são estes aristocratas. Fazem qualquer coisa para acrescentar brilho ao nome de família e superar os feitos dos seus antepassados e dos seus rivais políticos.

— Este Suetónio irá precisar de chamar os reservistas? — perguntou Petronella.

Macro pegou-lhe na mão e apertou-lha afetuosamente.

— Não é provável. Somos demasiadamente poucos para fazermos uma diferença significativa se fôssemos chamados às fileiras. Seja como for, somos necessários aqui. O governador sabe qual é o valor de ter uma pequena força de veteranos por perto para garantir que nenhuma das tribos locais tenha a tentação de brincar enquanto o gato está longe.

Cláudia esboçou um sorriso irónico.

— Pensei que tinhas dito que as tribos da planície não constituíam uma ameaça.

— E não constituem — replicou Macro firmemente. — Os Trinovantes em redor de Camulodunum são dóceis como cordeiros.

— Não me admiro — disse ela. — São tratados com dureza pelos veteranos da colónia, pelo que me dizem. As suas terras foram-lhes confiscadas, e

alguns dos seus homens levados e obrigados a servir nas coortes auxiliares, e ouvi dizer que muitas das mulheres foram violadas.

— Há sempre alguns pequenos problemas de início — contrapôs Macro. — Os rapazes da colônia estão habituados a serem soldados. Vai demorar uns anos até ganharem o jeito de serem civis.

— E, entretanto, o povo da tribo tem de se limitar a aguentar?

— É assim que funciona — disse Macro. — Conquistámos este sítio, tal como conquistámos terras daqui até aos desertos a leste. Assim que aceitarem o seu destino, as tribos ficarão contentes por fazerem parte do Império.

— Pergunto a mim mesma se será assim. — Cláudia voltou-se para Cato. — O que achas?

Cato fez uma pausa para ordenar as ideias. Não estava tão convencido quanto Macro acerca da segurança daquela parte da nova província. A colheita do ano tinha sido fraca, e isso não seria tomado em consideração quando os coletores de impostos fizessem as suas exigências ao povo dali. A fome e a pobreza causavam descontentamento, e enquanto os Trinovantes pareciam razoavelmente dóceis, era difícil imaginar que as indignidades e o sofrimento que tinham aguentado às mãos dos seus novos amos romanos não lhes causasse um maior ressentimento, ainda que eles tivessem o cuidado de não o mostrar. Se o governador Suetónio e as suas legiões andavam em campanha nas zonas mais distantes da província, isso poderia tentar os mais exaltados de entre o povo local a tirar partido da situação. Macro e os veteranos da colônia eram suficientemente duros e capazes de eliminar quaisquer surtos de pequena dimensão, mas uma sublevação concertada representaria um perigo real para os habitantes romanos de Camulodunum.

Ponderou ainda mais alguns instantes antes de responder à pergunta de Cláudia.

— Enquanto estiverem legiões romanas na Britânia, duvido que haja qualquer problema grave nesta zona. Os Icenos tiveram uma amostra do que significa desafiar Roma. Não anseiam por repetir a experiência. Quanto aos Trinovantes, quem sabe? A preocupação maior é o que acontece se Nero decidir retirar as legiões. Há dezenas de milhares de romanos e gente de outros povos do Império que se instalaram aqui. Serão presa fácil para quaisquer tribos que decidam atacar. A escolha será entre ficar e tentar defender o que têm, ou abandonar as suas casas, as suas propriedades e o seu futuro, e fugirem por mar para a Gália.

Cláudia virou-se para Macro e Petronella.

— Se Nero tirar as legiões de cá, o que farão vocês os dois?

Macro olhou para a sua mulher, mas ela não o encarou.

— Eu não haveria de querer desistir de tudo. Tudo o que possuímos aqui e a metade do negócio da minha mãe em Londinium... não sei mesmo. Espero que nunca chegue a esse ponto.

— Bebo a isso — disse Cato, ansioso por aliviar a preocupação do seu melhor amigo. — É difícil acreditar que Nero vá abandonar a Britânia. Desistir agora seria um golpe perigoso para o prestígio romano. Conseguem imaginar como a multidão reagiria a isso, já para nem me referir àqueles senadores que falam constantemente da invencibilidade de Roma.

— Estás a ver? — Macro deu uma cotovelada em Petronella. — O rapaz tem a noção de como as coisas são.

— Há uma outra razão pela qual Nero terá relutância em tirar as legiões — continuou Cato. — Se ele as retirar para a Gália, isso dará ao governador de lá um número significativo de soldados a mais. Todos os que tenham exércitos poderosos à sua disposição podem sentir-se tentados a utilizá-los para fins políticos. Por isso, é mais seguro manter essas legiões fixadas na Britânia.

Macro retrucou:

— Tens uma mente sinuosa, rapaz. Uma mente cínica.

— Sou realista. — Cato encolheu os ombros. — Andamos ambos por cá há tempo suficiente para saber como funciona o Império. Sabe que tenho razão.

Macro estendeu o braço para a sua taça.

— Esta conversa toda sobre política fez-me sede. — Levantou o jarro, mas quando o inclinou, apenas umas escassas pingas escorreram para a taça. — Merda... Vou ter de ir buscar mais à cozinha.

Quando ele se ergueu do banco, Petronella inclinou a cabeça para a zona da cozinha ao fundo do pátio e pôs-se à escuta.

— O que vem a ser aquilo?

Macro franziu o sobrolho. Vozes animadas ouviam-se no interior do edifício.

— É melhor ir ver.

Arrastou-se para lá, de jarro na mão, e desapareceu no interior. Os outros continuaram à escuta enquanto a discussão aumentava de volume, até que foi subitamente cortada pela exigência de silêncio do centurião.

— Parece que há sarilhos entre os criados — comentou Cláudia.

Petronella abanou a cabeça.

— Eles dão-se bem. Há duas raparigas icenas, e o rapaz do estábulo é um local. Nunca ouvi uma única discussão entre eles. Em breve saberemos

o que se passa, quando Macro regressar. — Enquanto esperavam, ela mudou de assunto. — A Saturnália será em breve. Ainda estarão a viver em Camulodunum nessa altura? Se quiserem juntar-se a nós, serão bem-vindos.

— Ficaremos aqui por algum tempo ainda — respondeu Cato. Arrendara uma *villa* modesta na colónia. Era sobranceira ao rio e estava virada a sul para tirar partido do pouco sol que a província proporcionava. Aí, ele e Cláudia, viviam tranquilamente enquanto criavam Lúcio. A educação do rapaz era ministrada por um homem que dizia ser um estudioso grego vindo da Gália para estabelecer uma pequena escola. Cato nunca ouvira um grego falar com semelhante sotaque, mas era competente e Lúcio estava a aprender a ler e a escrever e o essencial em matéria de contas. Uma educação mais requintada esperava-o em Roma, assim que Cato considerasse seguro regressar à capital.

Estava combinado que Apolónio os alertaria, se algum indício de que Cláudia tivesse sido localizada na Britânia alcançasse Londinium. O liberto grego servira um dia como espião de Roma, antes do seu encontro com Cato, e os dois homens sentiam respeito um pelo outro, se não mesmo amizade. Macro não gostara dele desde o princípio e tratara-o com suspicácia, mas Apolónio conquistara a confiança de Cato e tinha arranjado agora um lugar útil no palácio do governador em Londinium.

— Isto é um refúgio tranquilo — continuou Cato. — E isso convém-nos.

— Ficaríamos encantados por partilhar a Saturnália convosco. — Cláudia sorriu. — Têm de me dizer que contributo podemos dar para a ocasião.

O ruído de passos sobre a gravilha interrompeu a conversa, e eles voltaram-se para Macro. O centurião vinha com uma expressão preocupada, e não trazia qualquer jarro cheio de vinho nas mãos.

— O que aconteceu? — perguntou Cato.

— Más notícias, receio. — Macro retomou o seu lugar. — A Morgatha acabou de voltar do mercado. Encontrou um mercador de peles iceno chegado da capital tribal. Prasutagus morreu.

Cato abanou a cabeça com tristeza. Tanto ele como Macro tinham conhecido bem o rei dos Icenos. Haviam combatido lado a lado pouco depois da invasão, quando a tribo era um aliado firme de Roma. A sua rainha, Boudica, era também uma amiga chegada. A última vez que se tinham encontrado, havia menos de um ano, Prasutagus parecera bastante doente, uma sombra do guerreiro poderoso que tinha sido na flor da idade.

— Há mais — disse Macro. — Parece que ele, no testamento, nomeou Boudica e Nero como co-herdeiros. Duvido que isto vá acabar bem para os Icenos.

— Porquê? — perguntou Cláudia.

— Nero não me parece ser do género que se contente com metade de alguma coisa quando pode ter a totalidade.

— Mas isso então é bom para a província. Isso fará com que Nero aposte mais fortemente na Britânia. Mais uma razão para não tirar de cá as legiões.

— Ou limitar-se-á a decidir saquear o reino iceno de tudo que tenha de valor, para depois abandonar a ilha.

Cláudia virou-se para Cato.

— O que achas?

— Não estou certo de como isto se vai desenrolar — disse Cato. — Levará algum tempo para que a notícia da morte do rei chegue a Roma, depois mais tempo para Nero refletir sobre qual o rumo da ação a tomar, e enviar uma resposta ao governador de Londinium. Se o clima for clemente, Suetónio receberá as suas instruções no início do próximo ano. Mais ou menos na mesma altura da renovação dos juramentos. O contingente iceno estará lá juntamente com as outras tribos e representantes das colónias romanas para jurarem a sua lealdade ao Imperador e a Roma. Será então que eles vão descobrir o que Nero decidiu.

— E o que achas que ele vai decidir? — instou Cláudia, pressionando-o.

— Suspeito que Macro tenha razão. O Imperador vai querer a totalidade, diga o que disser o testamento de Prasutagus. Se isso acontecer, haverá sarilhos. Nós conhecemos os Icenos. — Inclinou a cabeça para Macro. — São um povo orgulhoso com um forte sentido de tradição. Excelentes guerreiros. Tivemos sorte por eles estarem do nosso lado, inicialmente, e tivemos sorte por terem sido poucos os que se rebelaram contra nós, quando Scapula era governador. Se Nero agir mal, pode provocar uma rebelião aberta. Eles lutarão como leões para proteger as suas terras, e temo que vá ser um banho de sangue.

Tinham perseguido a presa durante toda a manhã, e o sol do meio-dia estava baixo no céu cinzento enquanto as rajadas de neve obliteravam o horizonte. Um pouco mais à frente de Macro e Cato, encontrava-se um caçador trinovante a pé, envergando uma capa de pele sobre a sua túnica e meias castanhas. Cato segurava as rédeas da sua montada enquanto esperavam que ele examinasse o solo. O caçador deteve-se a uns trinta metros de distância e agachou-se para inspecionar uma abertura no emaranhado de arbustos de tojo, que se espalhavam para ambos os lados. Havia muitos rastos de animais na neve que se dispersavam desde a abertura, e era difícil separá-los e identificar que espécie de criatura os tinham feito.

— É possível que o tenhamos perdido — disse Macro entre dentes, encostando a grossa haste da lança para caçar javalis ao cabeção da sela e estendendo a mão para o cantil. Tirou a tampa, inclinou a cabeça e bebeu um trago antes de o oferecer a Cato.

Os olhos do prefeito estavam pousados no caçador, observando o homem enquanto este examinava a neve revolta. Bebeu um gole e devolveu o cantil, e depois mudou a lança para a mão livre.

— Não sei. O Pernocatus parece ter visto alguma coisa.

O caçador passava os dedos sobre a neve e, depois, sobre o caule escuro do arbusto de tojo à sua direita, tocando delicadamente na superfície e depois fitando a ponta do dedo. Voltou-se para os seus companheiros romanos ao mesmo tempo que erguia a mão de modo que eles pudessem ver a mancha vermelha.

— Sangue. O javali passou por aqui — anunciou ele no seu latim gutural.

Pernocatus tinha trabalhado para caçadores romanos desde que a colônia fora fundada, e apanhara a língua dos invasores suficientemente bem para a falar com fluência. Era tido em alta conta entre os veteranos pelas suas capacidades como batedor, e quando se tratava de se aproximar para dar o golpe final, a sua habilidade com a lança e o arco era tão boa como a de qualquer bestião do Império.

O grupo de caçadores constituído pelos três homens encontrara o javali cerca de uma hora antes de o Sol nascer, e mal tinham tido tempo de preparar as lanças antes de o animal carregar pelo meio deles e fugir, disparado. Cato tivera sorte ao assentar um golpe de raspão que lhe tinha trespassado a espádua; não o suficiente para o estropiar, mas o bastante para o fazer sangrar e deixar um rasto que era possível seguir através dos campos. As gotas de sangue tinham-se tornado menos frequentes quando a ferida começara a coagular, e eles já quase haviam desistido quando se depararam com um punhado de pequenos respingos na neve, perto da vereda que levava ao matagal de tojo. Cato estava irritado e frustrado consigo próprio. Era uma marca de fraco caçador ferir uma criatura e deixá-la escapar em sofrimento. Devia ao animal acabar o trabalho.

Macro indicou o matagal à frente deles.

— Bem, se o sacana está ali, não conseguimos aproximar-nos dele.

Cato olhou em volta. O tojo estendia-se ao longo de cinquenta metros para cada lado e parecia ter uma largura idêntica, para além da qual se elevavam os ramos de um aglomerado de pinheiros. O caminho por entre o mato denso era estreito. Com relutância, concordou com o seu amigo. Não havia nenhuma forma de conseguirem cavalgar através do matagal e, se fossem a pé, estavam condenados a escalavrar as capas e ficar presos. Se o javali carregasse contra eles nesse momento, não haveria qualquer possibilidade de lhe escapar. Ainda assim, havia um último truque que poderiam experimentar para o provocar.

— Pernocatus, ficas aqui enquanto o centurião e eu vamos em redor para ver se conseguimos descobrir onde é que o caminho vai dar do outro lado. Se o localizarmos, grito a avisar. Aí, tu fazes quanto barulho conseguires. Usa a tua corneta. Malha em cima do tojo. Se o javali tentar fugir, estaremos à espera dele.

O caçador inclinou a cabeça para um lado, mostrando o seu ceticismo, mas assentiu.

— O prefeito é que manda.

Havia qualquer coisa no seu tom que surpreendeu Cato como sendo ligeiramente deslocado, um indício de obsequiosidade que era incaracterístico, e temeu que tivesse ofendido o caçador com a rispidez brusca da sua ordem. Por vezes era difícil separar o soldado do homem, pensou ele com remorso.

— Vamos lá pôr-nos a mexer — disse Macro, erguendo a sua lança, com a haste projetada para um lado. — Antes que ele fique com medo e fuja. — Instigou a sua montada e, a trote, afastou-se em redor da linha do tojo. Cato

devolveu as rédeas do cavalo a Pernocatus, dirigindo-lhe um ligeiro aceno, e seguiu atrás do seu amigo.

Tal como ele previra, o matagal não era muito grande, e havia um claro intervalo entre o lado mais distante e o pequeno pinhal. Encontraram facilmente o sítio onde o trilho saía do matagal, mas, inclinado sobre a sela, Cato não viu nenhum vestígio de sangue.

— Ele ainda está ali dentro.

Os dois romanos perscrutaram minuciosamente o mato emaranhado à procura de qualquer movimento ou ruído que pudesse indicar a presença do javali, mas não viram nem ouviram nada. Cato preparou a lança e Macro fez o mesmo de seguida, depois tomaram posição, um de cada lado do trilho.

— Pronto? — perguntou Cato.

Macro confirmou com um aceno da cabeça.

— Pernocatus! — gritou Cato. — Começa!

A nota estridente da corneta do caçador trespassou o ar frio. O som sobressaltou alguns pássaros, que irromperam dos seus refúgios ocultos com um coro agudo de chilreios assustados e asas a bater furiosamente para voarem em direção aos pinheiros e desaparecerem. Após mais algumas rajadas da corneta, o caçador começou a gritar e Cato conseguia ouvir o ténue som dos galhos a estalar e a partir ao serem malhados do outro lado. Então, eles ouviram o ronco e o guincho rouco vindo de algures entre eles e Pernocatus. Pouco depois, houve um restolhar de vegetação seca quando o javali se dirigiu para eles, carregando ao longo do trilho.

— Aí vem ele! — gritou Macro, de olhos arregalados de excitação ao mesmo tempo que baixava a larga lâmina de ferro da sua lança e segurava a haste em posição de ataque. Cato fez o mesmo, mantendo as rédeas firmemente agarradas e apertando as coxas contra a sela.

O javali irrompeu do matagal e ambos os homens incitaram as montadas para diante. Era um animal enorme e hirsuto com uma linha de pelos mais escuros e abundantes ao longo do dorso até à grande cabeça, onde presas curvas se projetavam para cada lado do focinho. Macro foi mais rápido a reagir, inclinando-se para a frente e investindo, dirigindo a ponta da lança para o flanco do javali. O animal abriu as mandíbulas para emitir um grito de dor, depois desviou-se da ponta da lança, dirigindo-se à montada de Macro para chocar contra as pernas dianteiras do pequeno cavalo. Macro oscilou, obrigado a largar a lança para se agarrar ao cabeção da sela e segurar-se bem para evitar ser atirado ao chão. O cavalo vacilou entre o javali enfurecido e Cato, deixando este impossibilitado de ver o alvo.

— Merda! — sibilou Cato por entre os dentes cerrados ao puxar as rédeas com força e tentar que a sua própria montada desse meia-volta para atacar a besta. Porém, antes de conseguir ter uma visão clara, o javali virou-se e correu de volta para o tojo, disparando ao longo do estreito caminho em direção a Pernocatus. Cato deu-se imediatamente conta do perigo que o homem enfrentava e voltou-se com rapidez para Macro.

— Pega na tua lança e segue-me!

Sem esperar pela resposta, incitou o seu potro a um galope ao longo da orla do matagal, sentindo o sangue pulsar-lhe nos ouvidos. Na caça, havia sempre um risco, particularmente com presas tão letais como um javali selvagem, e era por isso que só os mais imprudentes enfrentavam um animal daqueles sozinhos. Enquanto conduzia a montada em redor do espinhoso emaranhado de tojo, ouviu Pernocatus gritar de alarme.

— Ele está aqui!

Circundando um tufo mais afastado de arbustos, Cato avistou o caçador a uma centena de metros de distância. Estava a pé e enfrentava o javali com uma adaga na mão. O animal, ofegante devido ao esforço e rodeado por nuvens de bafo, estava entre Pernocatus e a sua montada. Quando Cato esporeou o cavalo para aumentar o ritmo, viu o javali investir, levantando pedaços de neve ao acelerar em direção a Pernocatus. O cavalo do caçador recuou em pânico e virou-se para fugir. Pernocatus agachou-se e manteve a sua posição até ao último instante antes de se lançar para o lado, desferindo um golpe enquanto o animal passava desabridamente. Apesar do seu tamanho, cerca de metro e meio de comprimento e uma altura que dava pela barriga de um homem, o animal era ágil, e, resvalando para interromper a sua marcha, virou-se num piscar de olhos, pronto para investir novamente.

Cato agarrou a haste da lança com mais força, mas quando acorria ao local do confronto, a sua montada tropeçou. O céu e a paisagem gelada giraram à sua volta quando homem e cavalo tombaram na neve. O impacto deixou-o sem fôlego, e ele largou a lança e rebolou para o lado para se libertar.

Ao pôr-se de pé, arquejando com a falta de ar, viu que Pernocatus tinha largado a adaga e de algum modo agarrara as presas do javali, tentando desesperadamente não ser trespassado enquanto lutava com o bicho. Mas era uma luta desigual, e o caçador foi desfeitoado e arremessado quando o javali usou o seu peso numa guinada para tentar desalojá-lo. Cato olhou em redor, de pernas meio enterradas na neve, mas não conseguiu ver a sua lança.

Os seus ouvidos encheram-se com o resfolegar entrecortado do cavalo de Macro quando o centurião passou velozmente por ele, firmemente agarrado

à sela e inclinado para a frente, com o braço direito dobrado e pronto para o arremesso. O javali deu um salto frenético e sinuoso e atirou Pernocatus para o lado. O caçador voou pelo ar e aterrou pesadamente a vários metros de distância. Balançando a cabeça de um lado para o outro, o animal virou-se e avistou novamente a sua preia, investindo para diante, de presas em baixo, enquanto Pernocatus tentava afastar-se a gatinhar pela neve.

— Não, não vais fazer essa porra! — rugiu Macro. O grito e a explosão de movimento na periferia da sua visão fizeram com que o javali hesitasse e desse meia-volta na direção da nova ameaça, expondo o flanco. Macro inclinou-se para fora, puxando as rédeas para evitar o choque, e introduziu com força a ponta larga da lança na espádua do animal. A força do impacto fez o bicho desequilibrar-se e tombar de lado, levando Macro a soltar a haste de tal modo que ficou a oscilar de um lado para o outro por cima do corpo do animal enquanto este se contorcia, espalhando pingos de sangue brilhantes sobre a neve.

Macro passou a perna sobre o cabeção da sela e escorregou para o chão, depois saltou para a frente e agarrou a haste com ambas as mãos, usando o seu peso para prender o javali, enquanto este roncava e guinchava desesperadamente. Pernocatus tinha recuperado a adaga e assestou-a rapidamente contra o pescoço do animal. Cato, novamente de pé, avistou a sua própria lança e agarrou-a antes de desatar a correr para ajudar os seus amigos a terminar a matança.

Tudo terminara antes de ele conseguir chegar ao local. Com um último agitar de patas e um espasmo violento, o javali tombou para o solo, derrotado, com o sangue a escorrer-lhe das feridas em borbotões. Depois de alguns derradeiros arquejos, parou de respirar e ficou estendido e inerte sobre a neve manchada de sangue. Macro continuou a agarrar na haste da lança por mais algum tempo, pondo o seu peso sobre a arma para manter o corpo preso. Pernocatus erguia-se de um lado com sangue a pingar da ponta da sua adaga. Cato endireitou-se e olhou para ambos ansiosamente até ver que pareciam estar ilesos. A respiração dos três era ofegante.

Por fim, Macro descontraiu-se, torcendo a haste para um lado e para o outro a fim de a soltar. Abanou a cabeça.

— Porra, foi por pouco. — Depois encheu os pulmões de ar e riu-se nervosamente de alívio. Os seus companheiros instintivamente fizeram o mesmo e depois recuaram um pouco para observar o animal morto.

— É um bruto enorme — disse Cato. — O maior que já vi. — Olhou para o caçador. — Tiveste sorte.

Pernocatus pensou por um instante e depois dirigiu-se para Macro e estendeu-lhe o braço.

— Salvou-me, centurião.

Cruzaram os antebraços e Macro encheu as bochechas de ar.

— Tive sorte, meu amigo. Mais um segundo e... — Cruzou um dedo pela garganta.

O caçador fez uma careta e olhou-o fixamente por um momento, e depois inclinou a cabeça.

— Devo-lhe a minha vida...

— No lugar certo, no momento certo, nada mais. — Macro sorriu. — Poderia ter acontecido a qualquer de nós.

Cato viu a expressão dolorosa que perpassou pelo rosto do caçador. Percebeu que as suas palavras tinham mais peso do que Macro se dava conta. Pernocatus contraíra uma dívida e considerava o assunto com a maior seriedade.

O homem inclinou-se sobre a cabeça do javali e cortou-lhe as cartilagens em volta do focinho, serrando e puxando-lhe as presas. Quando conseguiu soltar as duas, estendeu-as a Macro.

— São suas. É a sua caçada. O seu troféu. — Ao ver Macro hesitar, limpou a adaga à carcaça e embainhou a lâmina antes de remexer na túnica para sacar de um grosso cordão de couro do qual se suspendiam várias presas. — Isto dá-lhe sorte, centurião.

Cato interrogou-se sobre aquilo, dado o facto de pouco antes o caçador ter escapado da morte por um triz.

— Ah... obrigado. — Macro sorriu, diplomaticamente, o que para ele não era coisa pouca. Sem dúvida que ser o magistrado sénior da colónia tinha potenciado esse lado do seu carácter, pensou Cato.

Uma vez as presas guardadas no alforge de Macro, os três homens puseram mãos à obra e esquetejaram a carcaça. O javali era demasiado grande para ser atravessado sobre o dorso de um cavalo e precisaria de ser cortado em pedaços mais pequenos. Por sorte, o caçador e os dois soldados estavam familiarizados com a tarefa complicada e suja e trataram de a realizar eficientemente. Macro desferira o golpe mortal, por isso ficou com dois Pernis, ao passo que Cato e Pernocatus ficaram cada um com um. Com a carne carregada sobre as selas, limparam o grosso do sangue e da gordura das mãos, esfregando-as na neve. Depois recuperaram as lanças, pegaram nas rédeas das montadas e regressaram para a colónia a pé.

...

Tinham demorado cerca de uma hora a processar a carcaça, e a dificuldade de caminhar pela neve fez com que avançassem devagar, por isso só ao final da tarde chegaram à crista da serra sobranceira a Camulodunum, a pouco mais de dois quilómetros de distância, que se estendia debaixo de um fino véu de fumo de lenha. A dispersão de edifícios — um misto de estruturas militares requalificadas, habitações civis com telhados e cabanas com teto de palha — rodeava o centro do povoado, onde o templo, o teatro e outros edifícios civis se encontravam em processo de construção. As paredes do recinto sagrado já tinham sido erguidas, bem como o frontão e os degraus da escadaria, e os primeiros metros do interior. As bases circulares das colunas estavam no seu lugar, e os pedreiros tinham cortado as secções estriadas que seriam postas ao alto sobre elas assim que tivesse sido instalado um guindaste.

— O templo vai ficar uma coisa de se ver quando estiver pronto — disse Macro com uma ponta de orgulho. — Espero viver tempo suficiente para o ver. — Olhou para Pernocatus e sorriu. — És jovem. É garantido que o vais ver. Tenho inveja de ti.

— Inveja? — disse o caçador.

— *Aye*, não gostarias de ver um edifício desta categoria elevar-se acima dos campos em volta? — continuou Macro. — Um tributo à engenharia e à civilização romanas. Ficaré de pé muito depois de o resto destes edifícios e cabanas ter desaparecido.

Cato sentiu o desconforto do caçador perante as palavras de Macro, e podia entender a causa. O custo do templo e o resto dos edifícios públicos pesava sobretudo sobre os ombros dos Trinovantes. Os seus impostos tinham sido aumentados pelo antecessor de Macro como magistrado sénior. Era realmente uma herança envenenada, pensou Cato. O ressentimento dos nativos em relação aos seus senhores romanos era bastante visível, e a má colheita recente tinha tornado o fardo fiscal ainda mais oneroso. Sendo a natureza humana o que era, a maior parte dos Trinovantes culpava o atual detentor do cargo — Macro —, independentemente do facto de que o sofrimento deles não tinha nada que ver com ele. Sem dúvida que Pernocatus partilhava dos sentimentos do seu povo, mesmo parecendo apreciar a companhia dos dois oficiais romanos e o dinheiro que eles lhe pagavam para desempenhar o papel de guia. Agora que Macro salvara a sua vida, mais uma obrigação pesava sobre ele. Cato tentou mudar de assunto.

— Tenho fome. Até já sinto o gosto a javali assado. — Sorriu para os outros. — E temos aqui o suficiente para nos alimentar até à Saturnália.

— Mais do que suficiente! — Macro sorria quando começaram a descer a encosta em direção à colônia.

Ao longe, para leste, a mais de três quilômetros do extremo mais longínquo de Camulodunum, Cato viu uma coluna distante, a aproximar-se ao longo do caminho que levava aos territórios dos Icenos. Eram cerca de vinte cavaleiros, dois carroções puxados por cavalos e várias figuras a pé à retaguarda. Demasiados homens para ser um mercador, muito poucos para constituírem um perigo para os que estavam na colônia. Não obstante, aquilo despertara a sua curiosidade e indicou-os a Macro.

— Pode ser um destacamento militar. Há um posto avançado na fronteira com os Icenos. Podem estar a ir em busca de provisões. Muito em breve saberemos. Se ficarem muito tempo, poderão juntar-se às celebrações. Só os deuses sabem que poderíamos ter alguma diversão durante o maldito inverno sem fim desta província.

A meio caminho entre a serra e a colônia, havia um desvio que ia dar a um pequeno grupo de cabanas onde Pernocatus e a sua família alargada viviam. Em tempos, o terreno em volta delas fora a sua quinta, mas agora estava na posse de um oficial retirado, um dos centuriões, que ficara com ela como parte do bônus da reforma. Pernocatus e a sua gente ainda trabalhavam na terra, só que agora faziam-no em troca de uma parte dos produtos que cultivavam, e o proprietário vendia o resto aos mercadores de cereais em Londinium. Essa era uma das razões pela qual o caçador era obrigado a oferecer os seus serviços aos oficiais romanos. As moedas que lhe pagavam permitiam-lhe voltar a comprar algum do cereal para sustentar a sua gente ao longo do severo inverno.

Detiveram-se os três junto ao ramal e Cato tirou a sua bolsa e contou as moedas que perfaziam o pagamento acordado. Pernocatus agarrou nelas com uma vénia de agradecimento e fê-las deslizar para dentro do seu alforge.

— Mais uma coisa — disse Cato enquanto tirava o pernil do javali do dorso do seu cavalo e o oferecia a Pernocatus. — Tal como Macro disse, temos mais do que o suficiente para as nossas necessidades. Toma. Fica com ela.

O trinovante hesitou. Como todos os que um dia tinham sido guerreiros na sua tribo, era um homem orgulhoso e achava difícil aceitar caridade de um romano.

— Mereceste-a — disse Cato. — Jamais teríamos sido capazes de encontrar o bicho sem ti.

— Como o prefeito desejar — respondeu o caçador. Aceitou a carne e prendeu-a à sela, de forma que ficava um pernil pendurado de cada lado.

Depois tocou com dois dedos na testa à maneira dos bretões e virou-se para conduzir a sua montada ao longo do trilho que ia ter às cabanas.

— Voltaremos a caçar depois da Saturnália! — gritou-lhe Cato. Pernocatus acenou com a lança, mostrando que ouvira, mas não olhou para trás.

Macro assobiou baixinho.

— Isso é que é gratidão. Porque lhe deste aquilo? Era a maior parte do teu quinhão.

— Sobra-nos imenso. A Cláudia e eu não vamos passar fome. Ao invés de alguns dos locais.

— Então é isso. — Macro abanou a cabeça. — Não podes dar-te ao luxo de ter pena de toda a gente que encontras, rapaz.

— Não é pena. É respeito. Estas terras pertenceram um dia ao povo dele. Ao longo de gerações, que a memória já nem regista.

— E agora pertencem a Roma. Por direito de conquista. Achas que os Trinovantes não tiraram a outros nalgum momento? Achas que, se as posições fossem ao contrário, ele te daria o seu quinhão de carne?

— Poderia.

Macro guiou o seu cavalo para o caminho principal.

— Às vezes não te entendo mesmo, Cato. És soldado há, quê, uns dezasseis anos? És a razão pela qual Roma tem um império. Somos nós, soldados, que o conquistámos para Roma. Lutámos por ele, derramámos sangue por ele e agora temos de gozar dos nossos despojos.

— Isso é verdade — respondeu Cato, seguindo atrás do amigo. — Mas para mim a questão não é essa. A questão são os homens com quem sirvo. Foram a minha família durante toda a minha vida adulta. É por eles que eu luto.

Macro assentiu.

— Sei disso. Compreendo, e tens razão... É por isso que sinto saudades. Estou contente com o que me calhou. Tenho uma bela mulher, uma boa casa e um lugar de destaque no senado da colónia. Mas, que os deuses me ajudem, sinto saudades do exército. É uma pena que agora tudo isso tenha acabado para mim. Acabou-se a luta. Mas pelo menos há coisas para caçar. Pelos tomares de Júpiter! Aquele javali era um monstro! Por um momento, lá, pensei que ele nos ia apanhar aos três.

Cato sorriu. Estava contente pelo facto de Macro ter encontrado o seu lugar em Camulodunum, onde poderia viver o resto dos seus dias em paz com Petronella. Muitos soldados não sobreviviam para desfrutar de tempos assim. Se a morte não os reclamasse às mãos do inimigo, os ferimentos ou a doença

normalmente o fariam. Era a dureza obstinada de Macro, e não um pouco de boa sorte, que o tinha feito chegar ali. Cato ainda estava na lista do serviço ativo e provavelmente algum dia voltaria a ser chamado para lhe ser entregue um novo comando. Esperava que a Fortuna lhe fosse favorável como fora para Macro, e que também ele pudesse viver plenamente a sua reforma, com Cláudia a seu lado.

Nessa altura, Lúcio teria alcançado a idade adulta, e Cato perguntava-se que futuro estaria reservado ao seu filho. Teria mais oportunidades do que as que ele próprio tivera. Apesar de se ter elevado à classe equestre na sociedade romana, isso seria o mais longe a que provavelmente chegaria em virtude das suas origens humildes. Lúcio começaria de uma base mais elevada e um dia poderia aspirar a tornar-se senador, talvez mesmo cônsul. A perspectiva entusiasmava Cato; ter chegado tão longe em duas gerações! Ao mesmo tempo, sentia uma frustração irritante em relação ao limite imposto à sua própria capacidade e ambição. O melhor que poderia esperar era tornar-se prefeito imperial do Egito. A província era o principal fornecedor de cereais de Roma e, como tal, era governada por um homem nomeado diretamente pelo Imperador, de patente suficientemente baixa para não usar a sua posição para o desafiar. Entretanto, teria de aguentar a perspectiva de ver homens inferiores garantir nomeações políticas e militares relevantes por nenhuma outra razão que não fosse o acaso do nascimento, que lhes proporcionava melhores oportunidades de conquistar poder e riqueza do que as concedidas ao filho de um escravo. Pelo menos Lúcio seria capaz de fazer as coisas que a ele lhe eram negadas, disse Cato a si mesmo para se consolar.

Proseguiram caminho, antecipando com alegria o regresso a casa. O vigia do portão da colónia levantou a mão para os saudar quando se aproximaram. Embora a casa da guarda fosse quase a única coisa que restava das defesas originais da fortaleza, havia algumas cortesias a observar. As pessoas iam e vinham da colónia pelos portões, tal como fariam em qualquer outro povoado romano rodeado por um fosso e uma muralha.

— Boa caçada, centurião? — bradou ele.

Macro desviou-se para mostrar a carne pendurada na sela.

— É do melhor que se arranja, amigo. Não aparecem javalis maiores nesta ilha.

— Só na Sardenha, centurião.

— Tretas.

— É verdade — disse Cato. — Eu vi-os. Alguns são monstruosos.

— Bah! — Macro fez um gesto desdenhoso quando passou entre os

postos e entrou na colónia. Cato trocou um olhar com o vigia e ambos reviraram os olhos.

O lusco-fusco cerrava-se sobre Camulodunum e os aromas das refeições da noite que estavam a ser preparadas enchiam o ar frio, aguçando o apetite dos dois oficiais enquanto se dirigiam, pela rua principal, para casa de Macro, no centro da povoação. Em sentido contrário, viram o grupo de viajantes que tinham avistado anteriormente. Podiam ver agora que eram guerreiros a cavalo, homens grandes envergando grossas capas e usando longas espadas celtas à ilharga e escudos suspensos das selas. Atrás deles atroavam os carroções, veículos grosseiros com sólidas rodas de madeira.

Junto à vanguarda do grupo montado, uma mulher cavalgava sozinha com o capuz da sua capa cor de esmeralda puxado sobre a cabeça. Uma figura imponente, ereta sobre a sela mesmo depois de um dia de viagem, quando alguns da sua comitiva tombavam para a frente de cansaço. Bradou uma breve ordem ao ficar paralela à entrada da casa de Macro, e o grupo deteve-se. Quando o moço de estrebaria ao serviço de Macro apareceu na entrada coberta, ela dirigiu-se-lhe num latim fluente.

— Rapaz, vai à procura do teu amo e diz ao magistrado que precisamos de abrigo durante a noite.

Macro parou e esperou que Cato chegasse a seu lado.

— C'um caraças, sabes quem é aquela?

— Inconfundível — disse Cato. — Boudica, rainha dos Icenos.